

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL

É PRECISO SE ARRISCAR PARA QUE HAJA UM ENCONTRO: AS SERENDIPIDADES
E OS CAMINHOS DA LEITURA NO PERÍODO DE PANDEMIA

Thamynny Santos da Silva

Brasília/DF

2025

THAMYNNY SANTOS DA SILVA

**É PRECISO SE ARRISCAR PARA QUE HAJA UM ENCONTRO: AS SERENDIPIDADES
E OS CAMINHOS DA LEITURA NO PERÍODO DE PANDEMIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e
Respectiva Literatura pela Universidade de
Brasília – UnB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Trindade
Nakagome

Brasília/DF
2025

*Às encruzilhadas - que dão caminhos e possibilidades para os encontros da vida.
À Patrícia, que volta e meia, há alguns anos, se aventura na adrenalina que é orientar meus
caminhos. Que bom encontro!*

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, retorno ao campo do mestrado na tentativa de voltar, outra vez, meu olhar para os encontros entrelaçados pela leitura coletiva da obra *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado. Nesse ir e vir dos caminhos, enxergo na experiência da leitura coletiva do mestrado, uma possibilidade de vislumbrar lacunas que não foram percebidas naquele momento, ou mesmo as que surgiram ao final do processo, sem que houvesse tempo hábil para analisar, sentir e refletir sobre as questões que ficaram. No percurso da leitura coletiva, entrelaçamos o **encontro** como um dos elementos essenciais para a construção do trabalho e das relações entre leitores, obra e pesquisa, a partir do conceito de serendipidade, entendida como o momento em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto procurávamos outra. O trabalho, evidencia como a leitura coletiva possibilitou encontros significativos, mesmo em um contexto de distanciamento social. Por meio de relatos e experiências compartilhadas sobre a obra e sobre a vida, o estudo revela a importância da literatura como forma de encontro e resistência, permitindo que as pessoas leitoras ampliem seus olhares para interpretações e compreensões acerca do texto. Além disso, o trabalho discute as implicações das serendipidades que emergiram dessas leituras, mostrando como as sinonímias podem não ser algo ao acaso, mas sim que de qualquer maneira poderia acontecer. Ao final, propomos uma reflexão sobre o papel da leitura coletiva em tempos de crise, ressaltando sua capacidade de promover encontros transformadores e significativos entre os leitores, o que fica comprovado nos resultados finais da dissertação intitulada *Vozes de Resistência: leituras da personagem feminina em Tereza Batista Cansada de Guerra*.

Palavras-chave: leitores; encontros; serendipidades; leitura na pandemia.

1. INTRODUÇÃO

Sexta-feira. 13 de agosto. Sexta-feira 13.

Sexta-feira 13, para muitas pessoas, é considerado um dia de azar, devido a crendices associadas entre o número e o dia da semana. Alguns argumentos se originam na superstição de que sexta-feira seria o dia da semana em que ocorria a execução de pessoas condenadas à morte, incluindo a crucificação e fim do suplício de Jesus Cristo. E ainda por ser 13 o número de pessoas reunidas na Última Ceia de Jesus e o número de bruxas de alguns clãs, a exemplo. Assim, unindo os dois elementos, em determinado período da história, se firma no imaginário coletivo a sexta-feira 13 como um dia de azar.

Na contramão do azar, em algumas práticas religiosas e/ou pagãs, a sexta-feira 13 representa equilíbrio, transformação e renovação espiritual, enquanto para o mercado de filmes de terror esta é uma data conotativamente assombrada, porém com grande rentabilidade, como no caso das sequências de filmes sobre a sexta-feira 13, consagrando personagens como Freddy Krueger e Jason Voorhees. As referências sobre este dia importam somente para ilustrar que, para nós, a sexta-feira 13, sexta-feira 13 de agosto de 2021, para sermos mais específicos, é um momento de transformação, de grandes serendipidades.

Abrimos, dessa maneira, os caminhos para narrar o encontro da sexta-feira 13 de agosto de 2021 e suas serendipidades com o propósito de chegar ao nosso objeto sobre os riscos que corremos para que haja encontros e, principalmente, encontros literários.

Diante do apontamento feito na minha banca de mestrado, quando um dos membros, se referindo às mudanças realizadas após a qualificação da dissertação, disse: “encantam as mudanças, sobretudo, da terceira pessoa do plural para a primeira pessoa do singular no texto; o estilo não é pura perfumaria, é autoria, é identidade!”, assim, passamos à primeira pessoa demarcando a autoria de uma voz “cuja legitimidade é continuamente posta em questão” (SILVA, p. 25).

A partir daqui sigo em primeira pessoa, considerando o supracitado apontamento como parte dos comentários feitos durante minha defesa da dissertação intitulada *Vozes de Resistência: leituras da personagem feminina em Tereza Batista cansada de guerra*.

No entanto, antes de passar à questão do encontro, é oportuno apresentar o objeto de estudo. A dissertação apresenta diferentes leituras da obra *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado, com foco na análise da personagem feminina que dá nome ao livro. Para

contribuir com a pesquisa, recorri à fortuna crítica sobre o autor vinculando com o trabalho de leitura realizado junto a militantes do Levante Popular da Juventude, que aconteceu de modo online devido à pandemia da COVID-19.

Um dos objetivos do trabalho foi lançar luz sobre as múltiplas possibilidades de leituras da personagem feminina da obra por meio dos resultados surgidos da experiência de leitura coletiva e pela *práxis* das participantes do grupo de leitura em relação ao feminismo popular. Assim, o trabalho foi conduzido por aspectos da obra que se relacionavam com a prática feminista popular, vivida pelo movimento social, compreendendo, a exemplo: a atuação da protagonista por meio da Educação Popular; a construção da representação identitária dos sujeitos, e o modo como a identidade é atravessada pelo *Outro* e pelo meio externo.

Para além dos aspectos citados, os caminhos da pesquisa parecem ter *tomado vida* e, diante da leitura coletiva, outros aspectos foram se tornando evidentes para a composição da dissertação, como a relação da personagem feminina com os orixás, fruto da identificação das leitoras que, em sua maioria, eram praticantes de religiões de matriz africana ou afro-brasileiras. Ou, ainda, o uso das xilogravuras como um aparato imagético da construção do texto ficcional, tendo a literatura de cordel como elemento estruturante do texto, o que permitiu a compreensão da oralidade na literatura amadiana, confluindo para as possibilidades de reconhecer a voz de Tereza Batista, bem como a das leitoras e, inclusive, da minha própria voz.

Considerando a voz como uma direção do transformar-se de mero *objeto* para *sujeitos* da própria história, compreendemos, coletivamente, a voz como uma arma, como um escudo de força, principalmente no período de pandemia, em que não nos eram permitidos os espaços presenciais. Assim, a voz também se tornou um modo de resistir. Diante desse aspecto, julguei de grande valor e expressão, colocar as “vozes de resistência” no centro da pesquisa, intitulando o trabalho a partir do lugar em que as vozes se sobressaíram e fincaram sua força e coragem dando corpo ao trabalho e aos encontros de vida. por meio da literatura.

1. *Começo, meio e começo*

Geralmente quando se pensa na palavra *encontro*, de modo quase automático, nos vem a imagem de um encontro romântico, e na sequência, alguns pensamentos: como organizar um encontro inesquecível, como fazer um encontro perfeito, o que fazer e o que não fazer no primeiro encontro, como garantir que o segundo encontro aconteça, entre outras tantas possibilidades para tornar o ato de encontrar-se sublime, maravilhoso, inesquecível.

Para mim, pensar na palavra *encontro*, em todas as outras definições possíveis, necessita de um tempo a mais ou de um direcionamento anterior que me leve a uma reflexão. Embora

tenha aprendido há um tempo que encontros estão muito além da aparente simplicidade de seu significado definido no dicionário. Os encontros têm muitas serendipidades. Ou o correto seria dizer que as serendipidades têm muito de encontros? Não saberia responder.

É certo que, desde que me deparei com o termo “serendipidade”, a ideia de encontros, em todas as suas formas, se ampliou a partir da descrição de

ser a situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que ‘descobrimos’ para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que sequer o notemos.” (GONÇALVES, 2009, p. 07).

Assim, me encontrei, outra vez, com uma serendipidade, de igual maneira quando os caminhos da minha pesquisa de dissertação se *perderam*, para que pudesse me *encontrar* com o já, minimamente, conhecido. O percurso da escrita da dissertação foi modificado devido à pandemia da COVID-19, que me fez deixar de lado o plano de ler *Cacau*, de Jorge Amado com as mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. A serendipidade aconteceu e mudou o curso de minhas pretensões. Reencontrei o movimento social de que eu participava há alguns anos, o Levante Popular da Juventude, para realizar a pesquisa de campo e escolher outra obra com uma personagem feminina central: *Tereza Batista cansada de guerra* de Jorge Amado. Esse movimento me levou a concluir que “as mudanças no percurso podem nos levar a rumos mais bonitos do que imaginamos antes”, assim, não deixei que a serendipidade passar por mim sem que eu a notasse.

Desse processo, rememoro a dedicatória de um exemplar de *Tereza Batista cansada de guerra*, disponível no acervo da biblioteca da Universidade de Brasília: “*Meu amor, a história de Tereza Batista deve ser a história da mulher oprimida na sociedade brasileira. Você que luta contra a opressão deve lê-lo com amor. Sua nega, Zezé*”. No encontro com as palavras, fui impulsionada a ler *Tereza Batista* com amor e me lancei, posteriormente, também com amor, a conduzir uma leitura coletiva da obra. E notem, não foi um encontro com a pessoa que escreveu a dedicatória ou com quem a recebeu, mas com as palavras carregadas de significado de encontros outrora vividos, marcadas na primeira página de um livro que, quando escritas, não poderia imaginar chegar às minhas mãos e transformar a mim e ao meu objeto de pesquisa.

Ao encontrar-me com Tereza Batista, pois sim, foi um encontro, entre leitora e personagem, me questionei como uma personagem de um romance poderia inspirar mulheres cerca de 50 anos após sua publicação. Dessa forma e,

a partir desse encontro pessoal, busquei levar Tereza Batista a outras mulheres, mulheres que fossem potentes, afetuosas, corajosas e, assim, pudessem compreender a trajetória de Tereza como a “história da luta de uma mulher num ambiente quase sempre áspero e hostil, poderosamente hostil. Mundo de sofrimento, miséria e violência”, que mesmo com tudo “nasceu para rir e alegre viver”. (SANTOS, 2021, p. 7)

É desse encontro, entre personagem-leitora-pesquisadora, que nasce a dissertação mencionada. Como disse o membro da minha banca de defesa da dissertação, surge do “manancial das teorias da leitura que brotam argumentos e força da dissertação da autora. A leitura surge do encontro e da matéria da própria corporeidade leitora, seja em silêncio, a leitura em voz alta, o corpo do leitor, da leitora: surge”. É do encontro singular que nasce o encontro plural da leitura coletiva de *Tereza Batista cansada de guerra*, e, ainda, parindo um texto desafiador e carregado de medos. Do medo da COVID, do medo do outro, do medo de falar, do medo de ouvir, do medo de escrever, do medo de ler é que nasceu não somente uma dissertação de mestrado, mas um dos encontros mais bonitos que tive a oportunidade de viver, e mais: guiado pela leitura.

Hoje, quase quatro anos após a defesa da dissertação, retorno ao inquietamento da escrita, sem sequer ter superado algumas lacunas do texto ou compreendido a totalidade da potência da beleza daquele encontro. Pensei: melhor deixar um pouco de lado a dissertação e enveredar por novos caminhos. Assim, diante do desafio de escrever este texto, iniciei as buscas por temáticas que dessem corpo às minhas ideias de analisar uma obra da literatura contemporânea, a saber, *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior.

Percorri teorias, buscando por pontos de conexão entre o jarê e a literatura, cheguei ao conceito de tanatografia, afrografia, encontrei chaves de possibilidades de estudos englobando a escravização, a questão agrária e a luta por terra, o sincretismo, o papel das relações de gênero na obra, dentre tantas outras temáticas possíveis para estudo e, ao final, me voltei para o que eu já conhecia: minha experiência de leitura coletiva. Não por facilidade ou comodidade, mas por reconhecer o efeito daquela experiência junto a vozes resistentes ao período pandêmico vivido, onde as singularidades foram abraçadas no encontro “inextricável do embaraço de nós mesmos”.

Escrevi na dissertação, que algumas gavetas podem ser mexidas, remexidas, abertas e quando você menos percebe, as memórias já estão flutuando em sua frente ou em suas mãos. Assim foi. Novamente. Neste momento, sendo um período em que me perdi de mim, outra vez, me reencontro, como disse o professor Pedro Couto, o já referido membro da minha banca de

defesa “na resistência de quem pensamos ser e naquilo que haveremos sempre de devir, superando o que deve ser imperativamente superado” é que o meio se torna um novo começo.

2. O encontro literário em tempos de pandemia

Contrapondo o vazio e o abandono de mim e de meus ideais neste perder-me para encontrar-me, escolho retornar aos caminhos dos encontros literários em tempos de pandemia, propiciados pela experiência de leitura e de leitores, na tentativa de despir-me dos novos medos e olhar para mim e, conseqüentemente, para o *Outro*.

Em busca de respostas para as perguntas, anseios e desassossegos que surgiram na banca de defesa, retomo alguns questionamentos sobre a experiência de leitura coletiva. Esses questionamentos, que por um considerável período povoaram a minha mente e agora retornam com força, sobre as expectativas individuais, pondero se houve alguma indução de minha parte na leitura coletiva da obra. Referente aos encontros literários, reflito: o que fica *daquele* encontro? O que resta de um encontro literário? Essas são algumas das questões e possibilidades que surgem em minha mente e na ínfima tentativa de respondê-las, volto ao cenário dos nossos encontros, lembrando o momento em que a personagem Tereza Batista deu fim ao seu *rumaço*.

“*Medo acabou! Medo acabou, capitão!*”, foi o grito de Tereza Batista que ecoou “por léguas e léguas, varou os caminhos do sertão”, os ecos chegando à fímbria do mar. Deste ponto de partida, a voz da menina de cobre irrompe do interior de sua força ao matar seu algoz com uma faca de cortar carne seca.

O medo que Tereza Batista sentiu durante seu enclausuramento na casa de Capitão Justo teve fim no exato momento em que ela alojou uma faca nas costas de seu agressor. Certamente, não há como igualar o medo que a personagem ficcional sentia com o medo que sentíamos, coletivamente, no período em que iniciamos a leitura da obra, em 2020. Talvez o nosso medo fosse outro. Medo do que veio e do que ainda estaria por vir, medo do desconhecido, medo de respirar, de tocar objetos e pessoas, medo de perder entes queridos, medo da fome, medo da carestia, medo da morte anunciada.

26 de fevereiro de 2020 – Brasil tem primeiro caso de coronavírus. 11 de março de 2020 – OMS decreta pandemia. 13 de março de 2020 – Rio e São Paulo suspendem aulas. 17 de março de 2020 – Governo anuncia primeira morte no Brasil. 09 de maio de 2020 – Mortes

atingem 10 mil pessoas. 19 de junho de 2020 – 1 milhão de infectados. 08 de agosto de 2020 – Brasil atinge 100 mil mortes.¹ Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19.²

Esse era o cenário das notícias de sites, jornais e redes sociais em nosso país no ano de 2020. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia afetou cerca de 210 países e territórios em todo o mundo. Uma máscara, um vidro de álcool 70% e o medo eram companhias constantes de milhões de brasileiros quando iniciou a maior pandemia da história do mundo e de nosso país.

No país do Carnaval, era tempo de festejar. Entre os dias 21 e 25 de fevereiro de 2020, os brasileiros viviam sua maior festa popular em meio a beijos, abraços, confetes, máscaras, alegria e celebração sem ainda se dar conta do que viria nos quase dois anos seguintes.

Recordo, enquanto descia as ladeiras, as brincadeiras sobre o novo vírus que já diziam estar em nosso território e na cidade que abriga os Quatro Cantos, famoso encontro entre quatro ruas de Olinda e, ainda, um dos pontos de aglomeração do carnaval pernambucano. Uma encruzilhada. Local onde, para algumas religiões de matriz africana e afro-brasileiras, representa a divisão de caminhos, a possibilidade de escolha e decisão que pode mudar o curso da vida.

Quem viveu o Carnaval de Olinda sabe bem a importância dos Quatro Cantos e de todas as pessoas que por ali passam, indo e vindo enchendo as ruas com suas alegorias e fantasias, esperando a Quarta de Cinzas e junto dela seu silêncio e vazio cortantes chegar. Mas ninguém imaginava que o vazio dos Quatro Cantos e todas as suas cinzas permaneceriam por quase dois anos no Brasil inteiro. Nós dizíamos: “ainda bem que fomos felizes em Olinda”, “graças a Deus nós vivemos aquele último Carnaval”. Nós vivemos. Vivemos muito bem o último carnaval antes da COVID-19 chegar e com ela o distanciamento, o isolamento, o medo, as mortes, o silêncio, as aulas remotas com câmeras fechadas, o desconhecido.

Um link em uma plataforma de videoconferência, isolados em casa no período de pandemia, foi o palco dos encontros de um trabalho de campo de mestrado para ler. Hoje parece simples, quase uma nova realidade, mas somente quem viveu aquele período sabe o desafio de migrar da vida presencial para a vida *online*. Construir uma roda de leitura coletiva online parecia tarefa ainda mais laboriosa. Mas transformamos o virtual em virtuoso. Assim se deu os

¹ Linha do tempo mostra os principais fatos da pandemia no Brasil. Disponível em Jornal O Globo Brasil: <https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725> Acesso em: 07/02/2025.

² Vidas Perdidas. Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19. Disponível em Gov.br: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 07/02/2025.

encontros, inicialmente para a leitura de uma obra, se transformando em encontros de vida, “um respiro no meio de tanto caos”, como disse uma das leitoras.

Diante de tantos medos, um outro medo atravessou aquela pesquisa. Medo de não conseguir, primeiramente, compreender a obra eleita, medo de não ler as entrelinhas, de não conseguir interpretar e, principalmente, medo de mediar uma leitura coletiva. Se é verdade, como aponta Petit, que “quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo” (2009, p.178), também, na contramão, o mediador pode afastar e desestimular os leitores a partir da influência de sua interpretação ou da personalidade empregada.

Apesar de todo o medo que nos cercava, me lancei na mediação da leitura coletiva, guiadas pelos trechos do poema de Audre Lorde³,

*Nunca fomos destinados a sobreviver.
E quando o sol se ergue temos medo
que talvez não fique
quando o sol se põe temos medo
que talvez não se erga de manhã
quando nossos estômagos estão cheios temos medo
da indigestão
quando nossos estômagos estão vazios temos medo
que talvez nunca mais comamos
quando nós amamos temos medo
que o amor desaparecerá
quando só temos medo
que o amor jamais retornará
e quando falamos temos medo
que nossas palavras não sejam ouvidas
nem benvindas
mas quando estamos em silêncio
ainda assim temos medo
Então é melhor falar
lembrando-nos
de que nunca fomos destinados a sobreviver.*

Assim, mergulhamos, ainda que com medo, pela determinação de ser *preciso* falar e ler, pois esse “medo secreto e muito muito antigo” está sempre presente. É necessário que ele seja enfrentado pela experiência que “implica riscos, para o leitor e para aqueles que o rodeiam” (PETIT, 2009, p. 176). É preciso se arriscar para que haja um encontro.

E diante dos riscos para haver um encontro é que o trabalho de campo se iniciou, indo além de uma leitura coletiva, mas de uma *história de encontros*. E não somente de encontros

³ Uma litania para a sobrevivência. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/47872/uma-litania-para-a-sobrevivencia> Acesso em: 09/02/2025.

no sentido de nos reunirmos online para ler e interpretar a obra, mas do encontro de vidas, de almas, de vivências e experiências. Era preciso desnudar-se de tudo aquilo que já conhecíamos para o novo, para o desafio do falar, para o desafio da escuta ativa, de ligar as câmeras, de estar com o *Outro* de outra maneira. Dessa forma, o mínimo a fazer era “mudar de paradigma, se quisermos realmente estabelecer um contato com o *Outro*. Não se trata mais de devorá-lo, mas de interagir com ele, para que novas sínteses possam emergir com naturalidade, sem crispação, sem agressividade.” (ROUANET, 2012, p. 132-133). E com a mudança do paradigma, abandonávamos as certezas apreendidas durante toda uma vida presencial, “a pandemia, com suas aulas em modo remoto, materializou a igualdade de todos diante do desconhecido”. (NAKAGOME, 2023, p. 87-88).

Dali em diante a relação entre pesquisadora-leitora-mediadora e as pessoas leitoras fincou-se numa relação de igualdade. A cada encontro, a relação ficava mais horizontalizada. Se no primeiro encontro, com a presença de cerca de 20 pessoas, apresentei os objetivos da leitura coletiva e a obra, orquestrando as palavras para aqueles quadradinhos, no segundo encontro já tínhamos câmeras ligadas e ouvidos atentos; do terceiro para o último, os encontros que eram para durar uma hora, duravam duas, três, com todas as pessoas participantes se sentindo parte do processo, questionando, se posicionando, discordando, *vivendo*, embora online.

A leitura é como um processo singular, entre uma pessoa, um livro e nada mais, em que cada um adapta seu fluxo de leitura de acordo com o tempo disponível, preferências literárias e outros motivos que tornam a experiência ímpar. Aqueles encontros propiciaram um compromisso que foi além da leitura propriamente dita, tornou-se um momento de respiro no isolamento que vivíamos, o momento de troca, de falar, de ouvir e partilhar a leitura e análise da personagem, mas também a oportunidade de se manter vivas e, minimamente, sãs diante do desconhecido e do medo que nos rodeava.

O meu íntimo medo de não conseguir conduzir a leitura sem induzir as pessoas leitoras com minha visão sobre *Tereza Batista* aos poucos foi se dissipando e dando lugar à segurança e à sensação de “dever cumprido”. A cada análise compartilhada sobre a personagem ou sobre um trecho específico do livro, eu notava a crescente importância da leitura no período da pandemia. Afinal, nosso cotidiano se modificou.

A composição do grupo de leitura coletiva era de um conjunto de militantes do Levante Popular da Juventude, movimento social de nível nacional, como citado anteriormente, cujos princípios e valores se baseiam nos ideais socialistas, de luta da defesa da classe trabalhadora e superação das opressões perpetradas pelo sistema capitalista. Dessa maneira, as visões se

tornavam semelhantes diante das provocações apresentadas ao grupo para analisar, por exemplo, a Educação Popular e o feminismo e, ainda, relacionar com as ações da personagem amadiana. Apesar disso, na prática, as dissonâncias surgiam, pela experiência individual de cada uma das leitoras, a experiência do *Outro*. -A exemplo, uma leitora estudante de Pedagogia, ao contrário do grupo, contrapôs o entendimento coletivo quando relacionamos as façanhas de Tereza Batista na prática do ensino de outras personagens com a Educação Popular, declarando:

*O empenho, a disponibilidade e a dedicação de Tereza são louváveis, contudo, penso que um cuidado deve ser aplicado na atribuição da qualificação de educadora popular à personagem. É certo que, a despeito de discordar dos métodos aplicados pelo advogado e pensados conjuntamente com Tereza, Joana concordou em aprender o ofício das letras em razão do risco que envolvia sua existência, a única realidade que ela conhecia. No entanto, no roteiro da trama não permite depreender de que maneira isto se deu. Tereza ensinou Joana a escrever seu nome e em algumas passagens é dito que ela “aprendeu a ler e a escrever”, mas de que maneira? Que métodos ela empregou? Como ela mesclou a decodificação e escrita dos sinais com a realidade vivenciada por Joana? A Educação Popular é uma troca entre seres: de experiências, de práticas, de situações, da forma de ser e estar no mundo. Além disso, **a Educação Popular é um projeto de longo prazo. SER Educadora Popular é prática constante.***

Esse foi somente um dos momentos em que as discordâncias surgiram, afinal, a leitura, embora nesse caso tenha se dado coletivamente, havia sua fração individual e solitária demarcada pelo conhecimento de mundo e das experiências vividas de maneira particular. O que me faz recordar de um sábio pensamento de Paulo Freire, o qual compartilho, quando diz que um livro, lido por uma pessoa, é apenas um livro. Um livro lido por 300 pessoas, são 300 livros, pois cada sujeito vai ter uma visão ou uma relação com o que lê, e por isso a importância dessa leitura também individual que enriquece a obra lida. Diante disso, reflito que sendo esse traço uma de suas características, o poder que a leitura ficcional tem de se vincular com a realidade de cada pessoa leitora é o que a torna dialógica, promovendo a construção de significantes e significados a partir de diferentes interpretações pessoais diante do texto.

Nesse sentido, na contramão do receio de não conseguir mediar a leitura sem induzir as pessoas leitoras a partir de minhas análises, concluo que a leitura é uma das formas de percepção consciente da realidade. Assim, cada pessoa leitora do grupo imprimia seu próprio conhecimento e valor dando pessoalidade ao conteúdo lido, sem necessariamente se mover por minhas impressões, mas encarando a experiência como forma de desenvolver-se de forma crítica em relação à obra lida.

Parte importante dos encontros se revelou nos momentos iniciais quando abríamos para as impressões, criando um espaço seguro para a troca não somente baseados na leitura, mas em

como a vida de cada pessoa estava, pois, para nós, o objetivo da interpretação da obra deveria ser alcançado, mas era preciso estar bem neste período de pandemia para que a leitura fluísse. Assim, unimos o cuidado coletivo entre nós com a prática do cuidado que a personagem Tereza Batista tinha com os outros personagens que a cercavam, estabelecendo uma rede de afeto e fortalecimento em um momento tão delicado quanto o da pandemia.

Enquanto mediadora, a experiência e a metodologia utilizada me parecem assertivas para a prática de interpretação dos possíveis sentidos da obra, ainda mais pela capacidade de reunir variados pontos de vista de acordo com a leitura de mundo das pessoas participantes, conferindo-me uma comedido certeza de abrir-me aos riscos do encontro, alcançando o que Nakagome (2024, p. 14) trata por poética do encontro, onde o “foco pedagógico está na possibilidade de diálogo e de cada um reconhecer em si a potência que o iguala aos demais”, mas sem abandonar o que nos torna singulares.

Quanto à questão do fim da leitura, tema muito debatido, antes da pandemia, levados por diversos fatores, como a influência do consumo de conteúdos rápidos da internet, o alto valor dos livros, a falta de políticas públicas de incentivo à leitura, a ausência de formação leitora nas escolas e, inclusive, o avanço da necessidade de garantir a subsistência que nos deixa “sem tempo” para ler. Estes obstáculos se tornaram, por longos anos, fatores que caminhavam para a redução dos índices de leitura, enquanto se debatia nas universidades, escolas, livrarias e até em bibliotecas estratégias para o fomento do hábito de ler, sem conseguirmos chegar a uma alternativa razoável e eficaz para o problema em questão.

Entretanto, na pandemia, esse cenário foi se modificando. Ao passo que as pessoas tinham que se manter isoladas, gastando menos tempo com deslocamentos e com atividades presenciais, a leitura foi se mostrando um caminho de retomada do hábito de ler, pois as pessoas possuíam mais tempo livre para se dedicar à leitura. Dessa maneira, com os encontros para a leitura coletiva, comprovamos a contribuição do isolamento para a manutenção ou criação do hábito da leitura. E, ainda, o novo olhar para o uso das ferramentas online para o compartilhamento das reflexões – o que também propiciou a alternativa de, quase em tempo real, tratarmos sobre a leitura e a obra.

Assim, no que se refere às plataformas utilizadas na experiência da leitura, o mais utilizado no período foi o grupo do *WhatsApp*, espaço onde diversas dúvidas, indicações de músicas, *playlists*, desabafos eram enviados. O grupo se tornou um espaço relevante de contato e de leitura. Se anteriormente havia a problemática de não conseguir despertar o interesse pela leitura da obra, após o início dos encontros o cenário foi completamente distinto. A movimentação do grupo acontecia diariamente com uma autonomia não imaginada por mim,

com grande liberdade entre as pessoas participantes para conversar sobre a obra e sobre a vida. Inclusive, a produção artística advinda da obra, chegava logo cedo em forma de poesia, de desenhos, de reflexões e curiosidades alimentando e cultivando a força impulsionadora para superar as dificuldades encontradas na leitura e na vida pessoal das leitoras antes da pandemia.

Se algumas das participantes não tinham anteriormente o hábito de ler, ali elas encontraram um novo prazer, um novo olhar para o que a leitura significava e poderia ter em suas vidas. Talvez, e aqui distante de celebrar a pandemia e o trauma coletivo que ficou, esse encontro com a leitura não se tornasse possível se não tivéssemos nos deparado com a imposta e simbólica encruzilhada de mudar os caminhos e nos encontrar.

3. O que fica *daquele* encontro, de *um* encontro?

Na encruzilhada surgida em nossos caminhos, celebramos não a pandemia, mas a possibilidade do encontro materializado por meio da leitura de uma obra literária. Se a dissertação construída se intitula *Vozes de Resistência*, demonstrando a polifonia nas relações do autor com as personagens e/ou entre os personagens da obra, aqui elas vão além e se tornam dialogicamente um coro de vozes entre leitor-leitor e leitor-obra, garantindo a longevidade e importância da obra escrita mesmo após cinquenta anos de sua publicação. Essa polifonia, no empréstimo despretensioso do conceito bakhtiniano, demonstra a potência das vozes participantes, bem como da voz da personagem amadiana, sem sobreposição de uma e outra, mas viabilizando o encontro entre leitor e obra numa experiência dinâmica, dialógica e, principalmente, viva.

E dessa relação vívida e profunda com o *Outro*, recordo o trecho do prefácio de *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013): Dostoiévski conhece a fundo a alma humana, sabe que o universo humano é constituído de seres cuja característica mais marcante é a diversidade de personalidades, pontos de vista, posições ideológicas, religiosas, antirreligiosas, nobreza, vilania, gostos, manias, taras, fraquezas, excentricidades, brandura, violência, timidez, exibicionismo, enfim, sabe que o ser humano é essa amálgama de vicissitudes que o tornam irredutível a definições exatas. Dessa consciência da diversidade de caracteres dos seres humanos como constituintes de um vasto universo social em formação decorrem as múltiplas vozes que o representam, razão por que Dostoiévski aguça ao máximo o seu ouvido, ausculta as vozes desse universo social como um diálogo sem fim, no qual as vozes do passado se cruzam com vozes do presente e fazem seus ecos se propagarem no sentido do futuro. Daí a possibilidade do acabamento, daí o discurso polifônico ser sempre o discurso em aberto, o discurso das questões não resolvidas. (XI-XII)

Conforme lia o trecho, na tentativa de elaborar um outro projeto literário, recordava-me de um outro autor: Jorge Amado. Central em meus estudos literários, com suas centenas de

personagens com características marcantes e nunca posicionadas como vilão/vilã ou mocinho/mocinha, mas sempre construídos a partir dessa amálgama que compõe o universo humano, espaço onde o autor bebia da fonte de maneira profunda que lhe inspiravam à escrita no universo literário. A polifonia demarca toda a obra amadiana e, diante disso, torna o leitor como componente essencial do diálogo, por vezes utilizando-se da voz de pessoas reais no texto, nesse “diálogo sem fim”.

Na esteira desse “diálogo sem fim”, considerando o “discurso em aberto, o discurso das questões não resolvidas”, como apresentado acima, sigo ao desfecho dos encontros literários e o que fica deles. Assim, daquele encontro entre leitora-pesquisadora e as pessoas leitoras, embora tente me debruçar para encontrar respostas aos questionamentos da banca, hoje compreendo que este é um diálogo que sempre estará em aberto. Acredito nunca conseguir chegar à totalidade ou a um fim nestas respostas, posto que as vozes resistentes daquele processo ainda permeiam e sempre irão voltar a minha mente me possibilitando enveredar por incontáveis caminhos. O encontro é memória e materialidade, no mesmo compasso.

Recordo, ainda, do último encontro para a discussão da obra, quando a complexidade do fim tomou conta daqueles corpos-leitoras, pois estávamos muito conectadas entre nós e com o enredo de Tereza Batista. Naquele dia, somando as duas turmas de leitura, uma no período matutino e outra no vespertino, tivemos seis horas de discussão, choros e despedidas. E hoje é fascinante lembrar de uma das participantes que esteve presente nos dois encontros do último dia, justificando: “gente, não dá mais. Eu dobrei minha participação hoje porque não quero desapegar. Preciso sair e não consigo.”. Enquanto outra participante, ao se despedir no grupo, deixou a mensagem: “espero que tenha mais um encontrinho ainda, mas mais uma vez foi indescritível, em várias falas eu me senti redescobrimo um monte de coisas!”. E esse encontro é assim, uma relação de diálogo sem fim. Juntas lemos ainda três obras de Jorge Amado (*Cacau*, *Mar Morto e Suor*), juntas, todo fim de noite, esperando que a pandemia chegasse ao fim antes de terminarmos mais uma obra, mas sempre no conforto do compromisso firmado sem ser preciso um contrato, uma assinatura, uma inscrição. Compromisso entrelaçado pelo ininteligível encontro para ser e para ler.

Assim, para mim, o que fica de um encontro são as serendipidades que nos levaram a ele. Nós poderíamos estar em qualquer lugar naquela época, poderíamos não ter nos conhecido, poderíamos não ter compartilhado uma (e três posteriores) leitura coletiva, nunca saberemos dizer, ao certo, como as serendipidades se deram, certo é que elas aconteceram, e nós não a deixamos passar.

Voltando àquela sexta-feira 13 de agosto de 2021, a sexta-feira na qual “as vozes do passado se cruzam com vozes do presente”, testemunhei a corporificação da serendipidade, a qual o professor e amigo Pedro, componente da banca chamou de “coincidências”, conforme transcrição:

Adriana foi minha professora na graduação de Letras. Fiz Modernismo Brasileiro com ela; e a Patrícia Nakagome foi a professora que examinou minha tese de doutorado, durante esse ritual há dois anos, essa *prova* que passei para me tornar doutor em Literatura. Conheci Thamynny como uma aluna de um curso que ofertei quando era professor de Modernismo Brasileiro. E, fiquei reparando como as coisas se coincidem. Pensei: sexta-feira 13, de agosto. Defendi minha dissertação de mestrado numa sexta-feira 13, só que de fevereiro, de 2015. (...) E há signos, tantos e vários que tentamos decifrar. As próprias datas dos encontros, sextas-feiras 13. Os encontros, como a Literatura, regem-se pelo imponderável. E assim é como a vida: imponderável e inextricável do embaraço de nós mesmos.

De todos os caminhos possíveis, dos riscos que corremos para que haja um encontro, ainda penso que os encontros têm muitas serendipidades. Ou o correto seria dizer que as serendipidades têm muito de encontros? Afinal, numa feliz sinonímia haverá acaso?

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de Guerra**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

NAKAGOME, Patrícia Trindade. Sobre o sorriso e a ignorância: sendas do ensino de literatura. **Contexto – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Vitória, v. 2, n° 44, p. 76-91. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/43367/29287>. Acesso em: 07 fev. 2025.

_____. Poética do Encontro. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 26, n° 2, p. 01-17 mai./ago. 2024.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. Editora 34, 2009.

ROUANET, Sergio Paulo. A utopia mestiça de Jorge Amado. *In: Dossiê Jorge Amado*. Revista Brasileira n° 73. 2012. p. 129-135. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/Revista%20Brasileira%2073%20%20DOSSIE%20JORG%20AMADO.pdf>

SANTOS, Thamynny S. **Vozes de resistência: leituras da personagem feminina em Tereza Batista cansada de guerra**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, Natali Fabiana da Costa. Vozes silenciadas no meio do mundo: uma literatura de Costas para a América do Sul. *In: SANTINI, Juliana; FRIGHETTO, Gisele Novaes; ROCHA, Rejane C. (org.). Trânsitos, percursos e cisões: a literatura no tempo presente*. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2022.